

PONTOS DE VISTA SOBRE PIAGET COMO EPISTEMOLÓGICO

1 — Introdução

Piaget é fundamentalmente um epistemólogo, não um psicólogo. Por isso, merece, segundo o nosso ponto de vista, a atenção dos filósofos.

Teve, talvez, a pouca sorte de: escrever numa época dominada pelo programa epistemológico da separação genético/normativo, descoberta/justificação do positivismo lógico que dificultou, em grande parte, o reconhecimento da sua visão de epistemologia, muito mais generosa, na filosofia:

«Na filosofia, a obra de Piaget não recebeu a reconção que ele esperava .. Tal facto deve-se, sobretudo, à doutrina filosófica comum segundo a qual a psicologia teórica, empiricamente baseada, não é relevante para questões puramente epistemológicas e filosóficas» (1).

Muitos dos seus livros ostentam títulos com sabor bem epistemológico. Para o testemunhar citamos apenas alguns: *Introduction a l'épistémologie génétique*, *Psychologie et épistémologie*, *Épistémologie mathématique et psychologie*, *Genetic epistemology*, *L'épistémologie génétique*, *Structuralisme...* etc. Mas o seu pensamento epistemológico e filosófico encontra-se espalhado por toda a sua obra em psicologia que, em Piaget, tem sempre uma dimensão epistemológica.

Piaget vira-se para a psicologia, porque era a disciplina que melhor poderia estabelecer a ligação entre a biologia e a epistemologia, as suas preocupações fundamentais — é uma ciência que,

(1) M. Boden, 1979, p. 150.

tendo as suas raízes na biologia, desemboca na inteligência e nas formas cognitivas em que assenta toda a construção do conhecimento possível:

«Os meus esforços dirigidos para a psicogénese do conhecimento foram para mim uma maneira de relacionar as duas preocupações dominantes: a investigação dos mecanismos de adaptação biológica e a análise da forma mais elevada de adaptação que é o conhecimento científico, cuja interpretação epistemológica foi sempre o meu objectivo central» (2).

Ao esboçar a hipótese da epistemologia genética, Piaget explica porque se tornou um psicologista desenvolvimental:

«Pois bem, se esta é a nossa hipótese, qual será o nosso campo de estudo? O mais frutífero e óbvio seria reconstituir a história humana — a história do pensamento humano no homem pre-histórico. Infelizmente temos muito pouca informação acerca da psicologia do homem de Neanderthal ou da psicologia do «Homo sinienis» de Teilhard de Chardin. Uma vez que o campo da biogénese não está ao nosso alcance, faremos como os biólogos e virar-nos-emos para a ontogénese» (3).

A passagem é suficientemente significativa. Revela bem que a sua escolha da psicologia desenvolvimental como campo de investigação é um reflexo das suas preferências já definidas dentro das pressuposições duma epistemologia biológica.

2 — Uma viragem «biológica» e «psicológica na epistemologia

Piaget é um cognitivista que, desde o início, acentua o ponto de vista kantiano «que apenas conhecemos as coisas através de formas e esquemas que o nosso espírito lhes impõe» (4). Kant, nada dizendo acerca do desenvolvimento ou aquisição do conhecimento ou compreensão, exerceu grande influência em Piaget que gosta de se considerar seu herdeiro chamando-lhe mesmo «o pai de todos nós» (5).

(2) Piaget, 1977, citado por Gruber e Vonèche, 1977, p. XI.

(3) Piaget, 1970, p. 13.

(4) Piaget, 1925, p. 194.

(5) Piaget, 1972, p. 293.

Contudo, a ideia kantiana de que toda a experiência é mediada por esquemas ou estruturas, embora acolhida com grande entusiasmo, não o satisfaz plenamente. O verdadeiro problema, segundo Piaget, não é se ou não os esquemas existem, mas se ou não são fixos e imutáveis. Por isso, se dá por tarefa, desde o início da sua carreira intelectual, «resolver o mais importante dos problemas reais da teoria do conhecimento, o da fixidez ou da plasticidade das categorias da razão», e vê que «a teoria do conhecimento podia ser perspectivada no terreno da psicologia» ⁽⁶⁾.

É orientando o seu pensamento para o terreno da psicologia genética que poderá descobrir os fundamentos biológicos e psicológicos dos esquemas e categorias kantianas de forma a relacioná-los com o equipamento morfológico e comportamental dos organismos e a localizar as raízes do conhecimento nos padrões da acção que comandam a interacção com o meio. É orientando os fundamentos da epistemologia para a biologia e psicologia que pode dar expressão à sua necessidade de operar uma viragem «biológica» e «psicológica» na epistemologia, na perspectiva de construir uma teoria adequada do conhecimento, ou seja, uma teoria biológica do conhecimento; este desejo aparece bem reflectido na junção da epistemologia com génese, da biologia com psicologia ostentada, um pouco orgulhosamente, em muitos dos títulos dos seus livros. Subjacente à «viragem» está a ideia de elaborar uma epistemologia liberta das limitações das epistemologias clássicas — empiristas e racionalistas.

3 — Um conceito de teoria biológica do conhecimento

A teoria biológica do conhecimento é a crença que as formas cognitivas não são entidades estáticas e imutáveis mas, como todos os traços físicos e fisiológicos do homem, estão sujeitas a um crescimento e desenvolvimento gradual, e que nenhuma teoria do conhecimento pode ser adequada sem relacionar a sua génese com todo o processo evolutivo. A crença começa a ganhar força na segunda metade do séc. XIX, depois da chegada da teoria da evolução. A partir de então, começa-se a aplicar a teoria da

⁽⁶⁾ Piaget, 1925, pp. 208 e 198.

evolução aos traços psicológicos do homem incluindo a inteligência e o pensamento. A oposição entre a natureza e a razão começa a ser rejeitada, e a teoria da evolução a gerar a necessidade de explicar a evolução da descendência mental.

Spencer e Bergson foram os primeiros filósofos a dar uma orientação biológica à epistemologia e, portanto, a relacionar as leis do conhecimento com as da vida. A inteligência e o conhecimento são, segundo eles, o resultado de todo o processo evolutivo e, como a vida, formas de ajustamento e adaptação ao meio — são instrumentos ao serviço do bem-estar e da sobrevivência dos organismos. O conhecimento não é apenas contemplação; é também execução e acção. É interessante notar que a distinção entre conhecimento como acção (réussir) e como contemplação ou conceptualização (comprender) ocupa um grande espaço na teoria de Piaget: corresponde à diferenciação entre operações concretas e abstractas, e é amplamente explorada nas obras «La prise de conscience» e «Réussir et Comprendre».

A viragem «biológica» na epistemologia preconizada por Piaget é, portanto, já sentida por Spencer e Bergson, ainda que num plano muito especulativo. Bergson extrai mesmo consequências da teoria biológicas do conhecimento que tornam o seu pensamento coincidente com alguns traços da epistemologia de Piaget: a ideia de que o intelecto humano só pode representar adequadamente o sector da natureza a partir do qual se formou e desenvolveu, a dimensão funcional e biológica do conhecimento e a importância da acção na formação da razão são, por exemplo, ideias que aparecem reflectidas na teoria de Piaget:

«Bergson viu muito bem o papel do «homo faber» na formação da razão» (7).

4 — Abordagem biológica e genética dos problemas da epistemologia

O interesse pelas coisas vivas (sua variabilidade e adaptação ao meio) e o contacto com a filosofia de Bergson e Spencer geram, em Piaget, a ideia de elaborar uma teoria biológica do conhecimento:

(7) Piaget, 1950, vol. II, pp. 20-21.

«Entre os 15 e os 20 anos, formei rapidamente o projecto de unir numa só actividade as minhas duas preocupações e de elaborar uma teoria biológica do conhecimento, logo uma doutrina de inspiração análoga à de H. Spencer, mas liberta do seu positivismo empirista, e «a leitura de Evolução Criadora fez-me compreender a possibilidade duma teoria biológica do conhecimento»⁽⁸⁾.

Piaget, na linha dos dois filósofos acima mencionados, vê na inteligência uma invenção evolutiva ou um dispositivo adaptativo que prolonga e aperfeiçoa os mecanismos de adaptação orgânica:

«A mais surpreendente das evoluções, fonte de novidades e de estruturas sempre mais ricas, foi a evolução da inteligência que, a partir dos seus começos, promissores embora modestos, nos animais superiores, se afirmou de conquista em conquista no decurso da história humana»⁽⁹⁾.

Partindo da ideia de que toda a resposta, seja um acto dirigido para o exterior ou um acto de pensamento, toma a forma de adaptação e de readaptação ao meio, Piaget faz da inteligência uma noção genérica que assinala modos superiores de organização e de equilíbrio das estruturas cognitivas;

«A inteligência é a forma mais elevada de adaptação mental, isto é, o instrumento indispensável de interacção entre o sujeito e o universo, quando o âmbito desta ultrapassa os contactos momentâneos e imediatos para atingir relações extensas e estáveis. Mas ... ela é um ponto de chegada e as suas raízes confundem-se com a adaptação sensorio-motora em geral, ou mesmo com a própria adaptação biológica»⁽¹⁰⁾,

Uma das tarefas fundamentais de Piaget foi, precisamente, identificar os mecanismos adaptativos que operam nos esquemas ou padrões de acção e reconstituir o seu reaparecimento metamorfoseado nos conceitos e na ciência, essenciais para aperfeiçoar o âmbito adaptativo dos mecanismos orgânicos e da acção:

«A mais bela das adaptações ao meio que a vida realizou foi a adaptação do conhecimento à realidade»; «A ciência é a mais bela das adaptações do organismo humano ao meio exterior»⁽¹¹⁾.

⁽⁸⁾ Piaget, 1972, p. 29 e 1959, p. 44.

⁽⁹⁾ Piaget, 1972, p. 29.

⁽¹⁰⁾ Piaget, 1967, p. 13.

⁽¹¹⁾ Piaget, 1972, p. 29 e 1950, vol. III, p. 112.

A mesma ideia subjaz às duas hipóteses que detalhadamente analisa em «Biologia e conhecimento»:

«As funções cognitivas são uma extensão das regulações orgânicas e formam um órgão diferenciado de regulação da interacção com o meio externo»⁽¹²⁾,

Assim, o desenvolvimento cognitivo nos seus diferentes estados e a cognição em geral têm, em Piaget, um significado funcional e biológico sempre idêntico, o de alargar a adaptação do organismo ao meio em que vive. À luz desta perspectiva, podemos ver na teoria de Piaget um esforço dirigido para a explicação dos mecanismos específicos da actividade inteligente capazes de tornar inteligível a natureza. Pelo mecanismo da assimilação procuramos dominar as condições do meio recorrendo a actividades na forma de esquemas ou de estruturas organizadas, e pelo mecanismo da acomodação modificamos as formas de organização e estruturação em face das experiências novas. É pelo mecanismo da acomodação que se processa o ajustamento à ordem da natureza que, na explicação do crescimento cognitivo de Piaget, aparece como uma descrição das transformações que se aproximam da realidade exterior duma maneira mais ou menos adequada.

A adequação da mente à realidade de que fala Piaget não tem, contudo, o sentido de cópia. As estruturas, nascidas da capacidade do ser humano para exercer a inteligência, nunca são, em Piaget, cópias adequadas da realidade. A adequação é sempre vista em função de critérios biológicos e funcionais. Os seres humanos fazem parte da realidade física e desenvolvem-se dentro dela. A sua inteligência, portanto, forma-se e desenvolve-se a partir da interacção com a experiência macroscópica; forma-se e desenvolve-se a partir das coisas em si mesmas, ainda que não nos ponha em contacto com a «coisa em si», para usarmos uma terminologia kantiana. Por isso, a adequação das estruturas e dos conceitos apenas funciona em relação ao sector da realidade sob a pressão do qual se formaram. Piaget exprime esta ideia no segundo volume de *Introduction à l'épistémologie génétique*: Continua a falar-se do universo como um todo, finito e infinito, sem compreender que

⁽¹²⁾ Piaget, 1967, p. 49.

estamos a transferir de modo ilegítimo o nosso conceito de objecto, formado a partir da nossa interacção com a experiência macroscópica, para além dos limites da sua aplicabilidade ⁽¹³⁾.

É partindo da crença que os conceitos físicos e lógico-matemáticos se formam e desenvolvem na mente humana sob a pressão contínua da experiência macroscópica (vêm através da experiência e não da hereditariedade) que Piaget não vê na hereditariedade do adquirido de Lamarck, nem nas mudanças fortuitas do Neo-Darwinismo hipóteses necessárias à abordagem genética das funções cognitivas do homem.

É na teoria evolutiva de Waddington e na epistemologia de Kant que Piaget parece encontrar os grandes pilares da sua abordagem genética; nelas existe interacção entre organismo/meio, entre sujeito/objecto respectivamente, e não há posições reducionistas.

Piaget adapta o crescimento do conhecimento ao esquema de desenvolvimento biológico consubstanciado no sistema epigenético (e seus «creodos») de Waddington. Os estados que atravessa o indivíduo no seu desenvolvimento intelectual são algo de semelhante aos «creodos» e uma espécie de réplica do seu sistema epigenético. A abordagem biológica subjacente à sua teoria cognitiva reflecte, no fundo, a convicção de Piaget de que há relação e continuidade funcional entre os mecanismos biológicos de auto-regulação próprios do organismo e a formação e desenvolvimento do conhecimento ou, melhor, a convicção de que os conceitos epistemológicos da interacção sujeito/objecto são um caso particular dos conceitos evolutivos da interacção organismo/meio.

Este tipo de abordagem e as convicções que lhe estão ligadas explicam a pouca importância dada por Piaget aos factores sociais e culturais, e a ideia de que o curso cognitivo tem o seu próprio ritmo só alterável e acelerado em termos locais.

Mas Piaget não dá à sua teoria cognitiva apenas um enquadramento biológico. Envolve-a também numa abordagem filosófica. Aqui o paradigma não é Waddington, mas Kant. Tal como este, Piaget procurou definir e delimitar os princípios e normas lógicas (as do adulto e da ciência contemporânea) que tornam possível juízos verdadeiros e objectivos. Ao nível da abordagem filosófica, Piaget serve-se de princípios semelhantes às categorias a priori de

⁽¹³⁾ Piaget, 1950, vol. II, pp. 213-214.

Kant para reconstituir o pensamento do sujeito epistémico até ser capaz de organizar e estruturar a realidade segundo raciocínios reversíveis e objectivos. Aqui se centra a força epistemológica do pensamento de Piaget:

«Nos seus momentos mais epistemológicos, Piaget fala não de como o indivíduo se desenvolve cognitivamente, mas de como o sujeito epistémico desenvolve uma compreensão objectiva do mundo. A abordagem da questão numa maneira tão filosófica e abstracta sugere que Piaget está fundamentalmente interessado nas condições gerais do desenvolvimento da compreensão objectiva» (14).

5 — O empírico e o teórico no pensamento de Piaget

O teórico e o epistemológico põem sempre o quadro da sua metodologia e das suas investigações concretas. Parece-nos que Piaget parte dos conceitos de reversibilidade e objectividade da racionalidade adulta e do pensamento científico para reconstituir a cognição da criança:

«O pensamento é «reversível» quando pode operar transformações e voltar ao seu ponto de partida. Compreender alguma coisa e ser capaz de seguir as mudanças que ela sofre ou poderá sofrer, e captar de modo suficiente o que está implicado nestas mudanças de forma a poder dizer o que seria necessário para fazer voltar o objecto ao seu estado inicial ... O crescimento .. para a reversibilidade ... pode ser visto como um crescimento na objectividade. Ver o mundo objectivamente é vê-lo como um conjunto coerente de transformações, como alguma coisa que seria idealmente manipulável de modo coerente» (15).

É a partir destes conceitos fundamentais, que Piaget explica a equilibração e o crescimento cognitivo. O que ele diz acerca do desenvolvimento de estruturas cada vez mais equilibradas, das perturbações ou conflitos cognitivos e da restauração do equilíbrio só pode ser dito aplicando conceitos como objectividade, reversibilidade, coerência, etc, aos assuntos e questões que as crianças

(13) D. Hamlyn, 1978, p. 52.

(14) T. Mischel, 1971, p. 410.

enfrentam. É em função deles que Piaget pensa, ordena e estrutura o pensamento e a cognição física da criança. O empírico não se separa do teórico, o psicológico do epistemológico. Piaget viola constantemente o seu esforço para distinguir psicologia genética e epistemologia genética precisamente porque é um epistemólogo e não um psicólogo.

Piaget, no fundo, quer biologizar e psicologizar Kant.

MANUEL LOURENÇO

BIBLIOGRAFIA

- M. *Boden*, Piaget, Fontana, 1979.
- II. E. *Gruber* e J. *Vonèche*, The essential Piaget, Routledge, 1977.
- G. *Piaget*, Genetic epistemology, Columbia University Press, 1970.
- / *Piaget*, Psychologie et critique de la connaissance, Archives de Psychologie, 19, Genève, [1925].
- / *Piaget*, Discours de réception du «Prix Erasme 1972», Páemium Erasmianum, 1972.
- J. *Piaget*, [Introduction à l'épistémologie génétique vol. II, 1950, P.U.F.
- J. *Piaget*, Introduction à l'épistémologie génétique vol. III, 1950, P.U.F.
- / *Piaget's* letter in Revue de Théologie et de Philosophie, Lausanne IX, 1969.
- / *Piaget*, La psychologie de l'intelligence, Colin, 1967.
- / *Piaget*, Biologie et connaissance, Gallimard, 1967.
- D. *Hamlyn*, Experience and the growth of understanding, Routledge, 1978.
- T. *Mischel*, Cognitive Development and epistemology, Academic Press, 1971.
- F. *Murray*, The impact of piagetian theory, University Park Press, 1975.
- L. *Siegel* e C. *Brainerd*, Alternatives to Piaget, Academic Press, 1978.
- Sohan* e *Célia Modgil*, Jean Piaget Consensus and Controversy, Holt, Rinehart and Winston, 1982.
- fi. *Furúji*, Piaget und knowledge, 1981.